

Saussure e Benveniste: signo linguístico, referência e linguagem poética

Renata Trindade Severo

Submetido em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 09 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 239-258

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

SAUSSURE E BENVENISTE: SIGNO LINGUÍSTICO, REFERÊNCIA E LINGUAGEM POÉTICA

Renata Trindade Severo*

RESUMO: O conceito de signo linguístico desde a crítica de 1939 à maneira como foi postulado pelo Saussure do Curso de Linguística Geral (CLG) constitui um ponto alto no pensamento de Émile Benveniste e já foi abordado por grandes leitores tanto de Saussure quanto do linguista francês, como Claudine Normand e Simon Bouquet. Os manuscritos recentemente publicados em que o criador da Teoria da Enunciação analisa a poética de Baudelaire trazem novo fôlego a essa discussão que já dura mais de sete décadas. Esse ensaio procura percorrer o pensamento benvenisteano e mostrar a evolução do conceito de signo linguístico em sua obra relacionando-a ao pensamento saussureano no CLG e nos Escritos de Linguística Geral.

PALAVRAS-CHAVE: signo linguístico; enunciação; linguagem poética; referência.

“Tudo em Benveniste está apenas começando”
Roland Barthes

1. INTRODUÇÃO

A única desculpa aceitável para se utilizar como epígrafe uma citação a que tantos já recorreram é o fato de que, mais de 40 anos após o último texto de Émile Benveniste ter sido publicado¹, o comentário de Barthes se faz, novamente, atualíssimo. Com a recente transcrição e edição de textos inéditos de Benveniste sobre Baudelaire², tem-se a acesso a reflexões do linguista da enunciação sobre a linguagem poética. Ao contrário de seu mestre, Ferdinand de Saussure, que raramente publicou, Benveniste produziu dezenas de artigos sobre estudos de língua e de linguagem — dentre os quais um conjunto seletivo presente nos dois volumes de Problemas de Linguística Geral³ constitui a Linguística da Enunciação (FLORES e TEIXEIRA, 2004). Os manuscritos em questão não são uma rara chance de se ter acesso à voz do linguista francês, mas uma preciosa oportunidade de se tomar conhecimento de suas palavras acerca da linguagem poética. A obra consiste em notas que deveriam dar origem a um artigo, nunca concluído, sobre a poética de Baudelaire a ser publicado no número 12 da revista *Langages*, intitulado “Linguistique et Littérature”, em 1968⁴.

O interesse de Benveniste pela linguagem poética não é novidade para seus leitores desde os anos 60:

* Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul: renata.severo@poa.ifrs.edu.br

¹ “O Aparelho formal da enunciação” foi publicado em 1970.

² *Baudelaire*, organizado por Chloé Laplantine, foi publicado em maio de 2011.

³ Problemas de Linguística geral I e II, doravante tratados simplesmente por PLG I e PLG II, respectivamente.

⁴ Nessa edição, publicaram autores como Barthes (org.), Jakobson, Genette, Todorov e Bakhtin tratando de temas relacionados à linguagem e à literatura.

G.D. –O senhor pronunciou a palavra poema. A linguagem poética tem interesse para a linguística?

E.B. –Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes, mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para a análise da linguagem ordinária. (BENVENISTE, 2006, p. 37).

Os parâmetros para tal estudo, segundo o linguista, deveriam ainda ser criados. Benveniste não se mostrava satisfeito com a abordagem linguística à literatura tal como ela se desenvolvia nos anos 60. Se, por um lado, pudesse considerar interessante o que vinha sendo feito, como se pode perceber em seu comentário a respeito de uma análise do poema de Baudelaire “Les chats”, feita por Jakobson e Lévi-Strauss e publicada em *L’Homme*, em 1962:

Une approche consiste à partir de la pièce de vers comme d’un donnée, de la décrire, de la démonter comme un objet. C’est l’analyse telle qu’on la trouve appliquée aux Chats dans le bel article de Lévi-Strauss et Jakobson.⁵ (BENVENISTE, 2011, (14, fº 2 / fº 81)).

Por outro lado, Benveniste tinha seu próprio projeto:

Une autre approche sera d’un type tout autre. On s’efforcera d’atteindre la structure profonde de son univers poétique dans le choix révélateur des images et dans leur articulation. (BENVENISTE, 2011, (14, fº 2 / fº 81)).

Percebe-se aí a semente de uma nova maneira de analisar o texto poético, que será sutilmente desenvolvida nas notas de *Baudelaire*. Tal sutileza parece incomodar Benveniste, que está ciente da necessidade de uma mudança mais radical:

Nous tentons cette conversion du point de vue et cette / création d’un nouveau/ modèle, convaincu à la fois de sa nécessité et de son/ insuffisance présente : notre tentative semblera radicale. Nous sommes / sûr qu’un jour on lui reprochera de ne pas l’avoir été assez. (BENVENISTE, 2011, (14, fº 1 / fº 80)).

Essa outra abordagem do texto poético, que procuraria no universo de cada poeta, na sua *língua*, as ferramentas para analisar esse discurso particular, desenvolverá reflexões linguísticas que, obviamente, extrapolarão a linguagem poética. Da mesma forma que Benveniste afirmara, em “A forma e o sentido na linguagem”, que “tudo que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (BENVENISTE, 2006, p. 221), aquilo que se apreende no estudo da linguagem poética também pode ser aproveitado, diretamente ou não, no estudo da linguagem “ordinária”; nesse novo cenário, chega-se, inclusive, a um ponto em que a linha que separa poético e ordinário, sempre tênue, tem sua localização repensada.

⁵ As citações de *Baudelaire* obedecerão aos critérios estipulados na obra: o primeiro número refere-se ao pacote que contém o grupo de notas, o segundo número corresponde à ordem dessa nota no pacote e o último número corresponde à posição dessa nota na ordem geral.

A leitura das notas de *Baudelaire* propõe questionamentos interessantes dentro da Linguística da Enunciação, por exemplo: como ficam, nessa nova perspectiva, conceitos importantes como *enunciação*, *referência*, *agenciamento* e *sintagmatização*? Como propor tais conceitos dentro do quadro dessa poética benvenistiana? A partir da mudança de ponto de vista proposta, como ficarão conceitos como *semiótico* e *semântico*? Esses são apenas alguns dos mais óbvios questionamentos que podem surgir a partir da leitura das notas de *Baudelaire*.

Outra questão capaz de provocar o leitor diz respeito à maneira como se constrói o conceito de signo nas notas de *Baudelaire*. Ao contrastar o que mais frequentemente chama de *mots poétiques* com o signo linguístico, Benveniste traça uma barreira cuja ultrapassagem seria vetada às “palavras poéticas”. O conceito de signo linguístico que pode ser delineado a partir das oposições propostas pelo linguista em *Baudelaire* não é exatamente o mesmo construído em, por exemplo, “Natureza do signo linguístico” ou “A forma e o sentido na linguagem”, textos cujas datas de publicação são anteriores às notas⁶.

Dentro da construção do conceito de signo linguístico que pode ser empreendida a partir do que Benveniste diz sobre signo e “palavras poéticas” em *Baudelaire*, o papel da referência é particularmente interessante por trazer à discussão um conceito cuja definição oscila dentro dos textos benvenistianos⁷. Desde 1939, Benveniste postulou que a referência é fundamental para a definição de signo linguístico. Em “Natureza do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005, p. 53-59), Benveniste critica a arbitrariedade do signo postulada no CLG e o faz, também, trazendo ao debate o conceito de referência. Acredito que tal discussão — sobre o arbitrário do signo e a referência —, já retomada por Bouquet e Normand, dentre outros, merece ser revisitada à luz do que trazem as notas de *Baudelaire*.

Assim, procurarei nesse artigo acompanhar o desenvolvimento da concepção de signo em um percurso que parte do conceito expresso no CLG e da crítica benvenistiana a esse conceito, retorna a Saussure através dos Escritos e, finalmente, explora as notas de *Baudelaire* a fim de investigar como as reflexões atribuídas a Saussure e a Benveniste se afastam e se cruzam “virtualmente”, isto é, sem se terem encontrado em um plano “real”. O principal objetivo aqui é pensar a noção de signo apresentada em *Baudelaire* no que tange à exclusão da palavra poética como signo linguístico.

O artigo está dividido em três partes e cada uma é composta de algumas etapas. A primeira parte é dedicada à discussão proposta por Benveniste no texto de 1939. Em um primeiro momento, apresentarei o arbitrário do signo linguístico tal como o encontramos no primeiro capítulo do Curso de Linguística Geral (doravante apenas CLG); a seguir, colocarei em relevo os principais pontos da crítica de Benveniste a essa

⁶ “Natureza do signo linguístico” é de 1939 e “A forma e o sentido na linguagem” foi publicado pela primeira vez em 1966, enquanto que as notas para Baudelaire são situadas no ano de 1967, embora apenas uma pequena parte delas esteja datada.

⁷ A definição de “referência” no Dicionário de Linguística da Enunciação traz o seguinte conceito: “significação singular e irrepitível cuja interpretação realiza-se a cada instância de discurso contendo um locutor”. Tal citação, apesar de ter como referência a página 278 do PLG II, é visivelmente do texto “O aparelho formal da enunciação”, provavelmente da página 84. Como leitura recomendada para esse verbete, o dicionário aponta “O aparelho formal da enunciação” e “A forma e o sentido na linguagem”, ambos do PLG II e dois textos do PLG I: “A natureza dos pronomes” e “Da subjetividade na linguagem”.

concepção e, então, convocarei reflexões de Claudine Normand (2004/ 2009) sobre essa crítica para, finalmente, refletir sobre o que está em jogo nela.

A segunda parte do artigo traz novos elementos a essa discussão. Com Bouquet (1997), mostro que o conceito de arbitrário do signo linguístico pensado por Saussure — e presente nos Escritos de Linguística Geral (doravante apenas *Escritos*) — não é o mesmo apresentado no CLG e, conseqüentemente, criticado por Benveniste. Ainda na segunda parte, incluo nessa discussão trechos dos *Escritos* que tratam de significação por entender que é a significação a chave para que se discutam as noções de signo que serão apresentadas aqui.

A terceira parte do texto apresentará o conceito de signo linguístico que se pode inferir em *Baudelaire* e sua relação com o conceito de arbitrário e a ideia de referência.

Procurarei, ao final deste texto, pensar a oposição proposta por Benveniste nas notas de *Baudelaire* entre signo e palavra poética.

2. O SIGNO LINGUÍSTICO: O CLG E A CRÍTICA DE BENVENISTE

Em “natureza do signo linguístico” (1939), Benveniste critica a noção de signo apresentada no CLG (1916). O foco dessa crítica é a arbitrariedade atribuída à relação entre significante e significado. Para Benveniste, o problema é instaurado quando Saussure traz à discussão um terceiro elemento, a coisa. Enquanto o signo linguístico é definido como a associação de um significante a um significado, trata-se de uma realidade linguística da qual o mundo objetivo não faz parte. No entanto, quando Saussure fala da diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s* (SAUSSURE, 2004, p. 82), traz ao debate a realidade substancial, “a coisa”, à qual não havia sido reservado espaço algum dentro do conceito de signo. Para Benveniste — como veremos —, é muito claro que a arbitrariedade do signo se restringe à relação entre signo e realidade e não se estende à relação entre significante e significado.

A seguir, apresentarei brevemente o conceito de arbitrário do signo postulado no CLG, a crítica de Benveniste a esse conceito e as reflexões de Normand (2009) sobre essa crítica.

2.1. O arbitrário do signo no CLG

A apresentação que segue está restrita ao conteúdo do primeiro capítulo da primeira parte do CLG — denominado *Natureza do signo linguístico* (SAUSSURE, 2004, p. 79 – 84). Nele, é apresentado o conceito de signo linguístico, suas faces e seus princípios. As asserções desse capítulo ecoam em todo o CLG e têm peso fundamental nas teorias atribuídas a Saussure, embora os conceitos de signo e de arbitrário não se resumam a ele. A crítica que Benveniste faz ao arbitrário dentro do CLG concentra-se no que é apresentado nesse capítulo.

A primeira afirmação com que nos deparamos é a de que a língua não é uma nomenclatura, isto é, ela não é “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2004, p. 79). Isso decorre do fato de que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, que são “ambos psíquicos e estão unidos em nosso cérebro, por um vínculo de associação”, “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2004, p.

80). Tais afirmações excluem a relação entre *termo* e *coisa*, dando ao signo saussureano um caráter que o difere do signo filosófico, que possuiria um terceiro polo, o mundo objetivo (GADET, 1996, p. 33)⁸.

A fim de resolver o que é classificado como uma importante questão de terminologia, os termos *signo*, *significante* e *significado* são propostos. O primeiro englobaria o todo composto pelos outros dois, que designariam a *imagem acústica* e o *conceito*, respectivamente. Assim, o conceito de signo é expresso no CLG através da famosa fórmula: “entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado” (SAUSSURE, 2004, p. 81), que estabelece uma realidade linguística independente do mundo objetivo e que enfatiza uma terminologia tripartida para o conceito de signo linguístico.

A esse signo dizem respeito dois princípios: o caráter arbitrário e o caráter linear. A arbitrariedade é atribuída ao “laço que une o significante ao significado” (SAUSSURE, 2004, p. 81) e, seguindo-se um raciocínio lógico — que será contestado por Benveniste —, chega-se à famosa expressão: “o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2004, p. 81). Para explicar o arbitrário, dois exemplos de naturezas diferentes são apresentados: “a idéia de mar não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante” (SAUSSURE, 2004, p. 81); e, a semente da discórdia, o exemplo em que se baseará a crítica benvenistiana: “como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro” (SAUSSURE, 2004, p. 82).

A seguir, a problematização do termo *símbolo*, que foi substituído por *signo*, traz à discussão a ligação referencial entre termo e objeto — tratada aqui como “um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (SAUSSURE, 2004, p. 82) — própria do símbolo e que impede que esse seja totalmente arbitrário. O próprio termo “arbitrário” merece uma elucidação nesse capítulo: “não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (...); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural de realidade” (SAUSSURE, 2004, p. 83).

Quanto à linearidade, ela diz respeito ao significante enquanto imagem acústica, cuja extensão “dispõe apenas da linha do tempo” (SAUSSURE, 2004, p. 84). No entanto, essa propriedade se estende à representação escrita, que também deve obedecer a uma ordem linear.

Tem-se até aqui, de maneira muito sucinta, a concepção de signo linguístico e do arbitrário inerente a ele apresentados no CLG. Tal concepção encerra diversos problemas que serão abordados no decorrer desse artigo, iniciando-se pela crítica de Benveniste, publicada no primeiro volume de seu *Problemas de Linguística Geral*.

2.2. A crítica de Benveniste ao arbitrário do signo no CLG

O texto mais antigo dos PLG⁹ aborda a questão da arbitrariedade do signo linguístico no CLG para esclarecer uma contradição detectada por Benveniste no texto atribuído a Saussure.

⁸ É justamente quanto a esse postulado inicial que Benveniste detecta uma contradição na explicação através dos exemplos *s-o-e-r* e *o-k-s*.

Benveniste, primeiramente, chama a atenção do leitor para a importância da noção de arbitrário na linguística da época: “Toda afirmação sobre a essência da linguagem ou sobre as modalidades do discurso começa por enunciar o caráter arbitrário do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005, p. 53). Tão grande importância atribuída ao arbitrário justifica a necessidade de que “se procure ao menos compreender em que sentido Saussure o tomou e a natureza das provas que o manifestam” (BENVENISTE, 2005, p. 53).

Partindo do princípio, com o qual concorda, de que o signo é bipartido, isto é, que é composto por um *significante* e um *significado*, Benveniste procura averiguar a coerência da afirmação da arbitrariedade do signo. Segundo ele, o conceito inicial de signo exclui o mundo objetivo de seu escopo. Quando, para explicar o arbitrário, um exemplo como *b-ö-f / o-k-s* é apresentado, esse terceiro elemento, a coisa, a realidade, intromete-se na definição de signo: “Quando fala da diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s*, [Saussure] refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma *realidade*” (BENVENISTE, 2005, p. 54). A contradição instala-se aqui como resultado da ignorância do fato de que a língua é *forma* e não *substância*: “é somente se se pensa no animal *boi* que se tem base para julgar ‘arbitrária’ a relação entre *boi* de um lado, *oks* do outro, com uma mesma realidade” (BENVENISTE, 2005, p. 54). Daí Benveniste afirmar, mais além nesse texto, que “o arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto *material* e não intervém na constituição própria do signo” (BENVENISTE, 2005, p. 57).

Para o linguista francês, o verdadeiro problema é outro: “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário, é *necessário*” (BENVENISTE, 2005, p. 55). Uma vez que o significante e o significado de cada signo “evocam-se mutuamente em qualquer circunstância” (ibid., p. 55), eles “são, pois, na realidade as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Assim, chega-se ao enunciado consagrado: “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 56).

Para finalizar sua argumentação, Benveniste recupera a noção de valor no CLG, em cuja definição também encontra incoerência em relação ao arbitrário. Benveniste localiza no texto do CLG a contradição — afirmar que “a escolha que chama determinado corte acústico para determinada ideia é perfeitamente arbitrária” (BENVENISTE, 2005, p. 58) é relacionar não significante e significado, mas significante e objeto real — e os meios para refutá-la: ao dizer que “de fato, os valores permanecem inteiramente relativos” (BENVENISTE, 2005, p. 58), o texto do CLG não determina em relação a que se estabelece tal relatividade; segundo Benveniste, ser relativo, isto é, ter *valor*, é “um elemento do signo”, “dizermos que os valores são ‘relativos’ significa que são relativos uns aos outros”, para ele, “a relatividade dos valores é a maior prova de que dependem estreitamente uns dos outros na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado” (BENVENISTE, 2005, p. 59), portanto

o signo, elemento primordial do sistema lingüístico, encerra um significante e um significado cuja ligação deve ser reconhecida como *necessária*, sendo esses dois componentes consubstanciais um ao outro. O *caráter absoluto* do

⁹ Natureza do signo linguístico foi publicado originalmente em 1939, em Copenhague, cronologicamente, o próximo texto do PLG I é de 1946.

signo linguístico assim entendido comanda, por sua vez, a *necessidade* dialética dos valores em constante oposição, e forma o princípio estrutural da língua. (BENVENISTE, 2005, p. 59).

Procurei mostrar, nessa subseção, o teor da crítica de Benveniste ao arbitrário do signo expresso no CLG. Para um comentário inicial sobre esse texto, recorrerei a seguir a uma grande leitora tanto de Saussure quanto de Benveniste através de um texto em que a linguista francesa fala desses dois mestres.

2.3. Claudine Normand: a contingência

Em um texto de 2004 intitulado “Saussure-Benveniste”, Claudine Normand propõe imediatamente a seguinte problemática: “da relação entre esses dois nomes, aqui justapostos na ordem neutra da cronologia, há sem dúvida algo a dizer, mas como?” (NORMAND, 2009, p. 197).

A maneira escolhida pela linguista francesa foi falar em encontros: Benveniste teria encontrado Saussure. Nesse texto, em que fala de encontro de inteligências, de vidas igualmente dedicadas à pesquisa e em posicionamentos científicos semelhantes, Normand não deixa de mencionar diferenças biográficas entre os dois mestres. Quase ao final do texto, a linguista chega a uma questão delicada: à parte das diferenças biográficas — sobre as quais não se conhece nenhum comentário de Benveniste — uma discordância importante é observada: a questão do arbitrário do signo. A crítica — feita em 1939 e nunca modificada, conservada na compilação de 1966 mesmo que todos os outros trabalhos publicados sejam, no mínimo 7 anos mais recentes — aponta para um rompimento que significa, segundo Normand, uma diminuição do alcance do princípio saussureano, que seria, assim, reduzido “a uma tomada de posição tradicional sobre a origem da linguagem” (NORMAND, 2009, p. 201).

Normand considera que o que incomoda Benveniste é a contingência. Segundo essa interpretação, para Benveniste, afirmar que a relação entre significante e significado é arbitrária é estabelecer entre eles uma relação contingente, desviando-se, assim, do problema real. Ao rebater essa relação contingente, o linguista recorre, para exemplificação, ao contraste entre a representação de luto na Europa, pela cor preta, e na China, pela cor branca. Para o linguista, se considerássemos a noção de luto arbitrária porque em culturas diferentes ela é representada por cores diferentes, estaríamos estabelecendo entre significante e significado uma relação que tanto poderia ocorrer quanto não. A relação entre significante e significado, segundo o linguista francês, não pode ser contingente, mas *necessária*.

Para Normand, esse é um ponto em que Benveniste se afasta de Saussure sem avisar:

Nunca abandonar a língua, em sua matéria significante, suas estruturas comuns, seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussureano com a singularidade subjetiva, a comunicação sempre situada, o “acontecimento evanescente”, que é todo enunciado, analisar o “semântico”; essa era a proposta de Benveniste. (NORMAND, 2009, p. 202).

Benveniste afirma, ainda, que, com relação a uma mesma realidade (significante), todas as denominações (significado) são igualmente possíveis. O que fica

implícito aqui, mas muito claro em outros textos, é que a relação necessária entre significante e significado é responsável por uma produção de significação específica, o que vai de encontro a uma relação contingente. Benveniste retorna ao próprio CLG para ratificar sua afirmação: o pensamento é apenas uma massa amorfa, indistinta, que só passa a ter forma através do signo — significante e significado juntos.

2.4. Primeira pausa para pensar

Até aqui, observamos o conceito de signo linguístico proposto pelo CLG: composto por um significante e um significado cuja união se dá por um laço arbitrário; seguimos Benveniste em sua brilhante argumentação contra a afirmação de que essa relação seja arbitrária:

Arbitrária, sim, mas somente sob o olhar impassível de Sirius ou para aquele que se limita a comprovar, de fora, a ligação estabelecida entre uma realidade objetiva e um comportamento humano e se condena, assim, a não ver aí senão contingência. (BENVENISTE, 2005, p. 55).

A contingência — que era, segundo Normand, o que realmente incomodava o linguista francês — impossibilitaria a significação, na opinião de Benveniste. Para ele, significante e significado são impressos juntos em nosso espírito, um convoca o outro como “incorporante” e “incorporado”.

Provavelmente¹⁰, Benveniste tenha tomado conhecimento dos manuscritos de Saussure que já estavam disponíveis, mas o fato é que nunca mudou sua crítica; para Normand, isso ocorreu “pois é preciso manter a razão”; Bouquet tem outra opinião tanto sobre os propósitos de Benveniste quanto sobre sua crítica em si. Vejamo-la.

3. O SIGNO LINGUÍSTICO NOS ESCRITOS DE LINGÜÍSTICA GERAL

Hoje se reconhece que os textos do Curso de Linguística Geral não são a única, nem a mais fiel, maneira de se chegar ao pensamento de Ferdinand de Saussure. O livro, editado postumamente por dois admiradores que nunca assistiram às aulas do mestre genebrino, constituiu, no entanto, por muitos anos, a única representação do que se reconhece como uma linguística saussureana. Em 1939, quando Benveniste escreveu “Natureza do signo linguístico”, essa era a realidade. Décadas mais tarde, Rudolf Engler publicaria textos manuscritos por Saussure e notas dos alunos que frequentaram o curso (Edição Engler 1968-1974). Em 1996, um pacote seria encontrado “na estufa do hotel genebrino da família de Saussure” (Bouquet/Engler, 2002) e novos manuscritos seriam colocados à disposição dos leitores de Saussure.

À luz desses novos textos, é possível revisitarmos conceitos propostos no CLG e os elaborarmos de forma mais rica. Algumas vezes, mais do que um simples enriquecimento será possível ou, até, necessário.

¹⁰ Em suas últimas aulas no Collège de France (Émile Benveniste, *Dernières Leçons*), Benveniste faz referência ao *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique générale de F. de Saussure*, de Godel (BENVENISTE, 2012, p. 72).

O texto de Simon Bouquet de que me valerei aqui para um olhar diferenciado à crítica de Benveniste a Saussure baseia-se na Edição Engler 1968-1974 para procurar mostrar que, ao criticar Saussure e procurar ultrapassá-lo, Benveniste acaba ultrapassado por seu mestre. Minha intenção é mostrar como o conteúdo dos escritos pode colaborar para o conceito de signo linguístico e seu arbitrário. Minha conclusão, no entanto, será diferente da de Bouquet.

3.1. Simon Bouquet: uma crítica baseada em um conceito falso

Em 1997, Simon Bouquet publica, em número especial da revista Linx dedicado ao Colóquio “Benveniste vingt ans après”, o texto “Benveniste et la représentation du sens: de l’arbitraire du signe à l’objet extra-linguistique”, em que aborda a crítica de Benveniste ao arbitrário do signo saussuriano em seu texto “Natureza do signo linguístico” (1939). Bouquet sustenta que a crítica benvenistiana se apoia sobre um fundo enganador (*a trompe-l’œil*), que é o CLG. Para Bouquet, os “textos originais”, isto é, aqueles que realmente refletem o pensamento saussureano, são os dos manuscritos (restritos aqui às edições Engler 1968-1974).

Bouquet acredita que, apesar da forte analogia entre o CLG e os textos originais¹¹, os pontos em que esses diferem, ou seja, os pontos que “aparecem deformados no CLG” (Bouquet, 1997, p. 107 - tradução livre), sejam suficientes para constituir o caráter enganador desse texto.

O artigo de Bouquet está dividido em três partes: a introdução; um item intitulado *Les textes saussuriens originaux et les questions de l’arbitraire et de la réalité extra-linguistique*, em que, como o título indica, Bouquet apresenta o conceito de arbitrário presente nos textos originais de Saussure e sua relação com a realidade extralinguística; e um terceiro item, que se chama *Critique de la critique de Benveniste*, em que Bouquet procura mostrar como, ao invés de ultrapassar Saussure, Benveniste é ultrapassado por ele, segundo o ponto de visto do autor do artigo.

No segundo item de seu artigo, Bouquet procura mostrar o que considera as verdadeiras ideias de Saussure sobre o signo linguístico. Ele inicia abordando o problema em relação à utilização do termo *signo*, utilizado por Saussure em duas acepções: “de um lado como designando a entidade global composta por um conceito e uma imagem acústica, de outro como designando a imagem acústica apenas” (Bouquet, 1997, p. 109). Tal dubiedade, segundo Bouquet, permitiu que os editores do CLG confundissem frequentemente *signo* e *significante*, pois, no CLG, havia uma tripartição terminológica mais rígida do que nos escritos: nesse último, o termo *signo* era frequentemente empregado por *significante*¹².

Citando um estudo de Engler (Engler, 1962 *apud* Bouquet, 1997), Bouquet menciona as 16 passagens sobre arbitrário presentes no CLG e chega a três constatações: em tais passagens, a maioria das vezes em que *signo* é empregado, na verdade Saussure referia-se a *significante* — trata-se, portanto, de *arbitrário do significante* e não do *signo*; no restante das vezes, o arbitrário apresentado não reflete o

¹¹ Mantere aqui a forma como Bouquet se refere aos textos das edições Engler antes para manter fidelidade a sua escrita do que por concordar com seu posicionamento.

¹² Ver Bouquet (1997) para uma explicação mais detalhada sobre a utilização dos termos signo/significado/ significante no CLG e nos *Escritos*.

pensamento saussureano, o que leva Bouquet a perguntar-se se o arbitrário no CLG não seria um conceito fantasma criado por seus editores; finalmente, a passagem — dos textos originais — em que Saussure “dá à noção de arbitrário uma extensão maior do que aquela de um arbitrário do significante” (Bouquet, 1997, p. 111) é ignorada por Bally e Sechehaye.

A partir dessas três constatações, Bouquet acredita ter apresentado bases para afirmar que o arbitrário criticado por Benveniste é, na verdade, relativo ao significante e não ao signo. Em outras palavras, o conceito de que trata o CLG diz respeito à relação entre significante e significado até que a convenção social os tenha colocado juntos.

Bouquet destaca duas “propriedades do arbitrário”, a primeira é justamente essa que acabo de mencionar:

La première propriété d’arbitraire, on l’a vu, est l’arbitraire du signifiant au regard du signifié. Cette propriété est celle qui veut qu’il n’y ait dans une langue donnée, entre une forme conceptuelle donnée et la forme phonologique donnée qui la représente, aucun lien de nécessité autre que celui créé par la convention de ladite langue. (Bouquet, 1997, p. 112).

A segunda propriedade, muito mais interessante, diz respeito ao que Bouquet chama de “arbitrário do valor”¹³.

Ici, l’arbitraire n’est une double contingence à l’intérieur du système d’une langue : celle de tout signifiant par rapport aux autres signifiants, celle de tout signifié par rapport aux autres signifiés. (Bouquet, 1997, p. 112).

Para Bouquet, o CLG opacifica a noção de arbitrário por não abordar nem o arbitrário do valor nem sua articulação com o arbitrário do significante e dá margem, assim, às inúmeras discussões que surgiram de 1916 aos anos 1970.

Quanto à realidade extralinguística, Bouquet apresenta passagens dos textos originais que demonstram uma exclusão ainda mais radical dessa realidade no conceito de signo. As duas “irredutibilidades do signo” propostas por Saussure determinam que o signo linguístico nunca pode ser reduzido nem à esfera psicológica nem à realidade extralinguística. A máxima “a língua é uma forma e não uma substância” aponta para o fato de que a realidade extralinguística não entra na língua senão na forma dos conceitos elaborados no substrato psicológico que, por sua, vez só se tornam *significado* depois de “*mise en forme linguistique*” (Bouquet, 1997, p. 114).

Bouquet divide sua crítica à crítica de Benveniste em três partes: a contestação do exemplo *b-ö-f* e *o-k-s*; a argumentação sobre arbitrário e necessário; a argumentação sobre o estatuto da realidade extralinguística. Procurei resumir cada uma dessas partes.

Para Bouquet, o exemplo *b-ö-f* e *o-k-s* serve perfeitamente ao que se queria demonstrar: a arbitrariedade do significante em relação ao significado antes de sua união na língua, isto é, a tese convencionalista do arbitrário. Para Bouquet, Benveniste critica um raciocínio relativo ao arbitrário do *significante* valendo-se de argumentos que dizem respeito ao arbitrário do *valor*.

Quanto à argumentação sobre arbitrário e necessário, Bouquet acredita que a distinção entre arbitrário do significante e arbitrário do valor dá conta de esclarecer o debate sobre arbitrariedade e necessidade. Para ele, no que diz respeito ao arbitrário do

¹³ O próprio Bouquet refere Engler e Godel como os primeiros a perceberem esse aspecto do arbitrário na obra saussureana.

significante, “o arbitrário é o corolário de uma ligação biunívoca *necessária* entre o significante e o significado”, ou seja, “o próprio arbitrário é fundado sobre a necessidade de coexistência das duas faces do signo”. No que diz respeito ao arbitrário do valor, a ligação de necessidade é a “que amarra juntos os diferentes termos *considerados enquanto formas* no seio do conjunto do sistema”; a ligação arbitrária é a “que une uma forma linguística — significante ou significado — à substância (fônica ou psicológica) em que essa fórmula se sustenta” (todas as citações desse parágrafo: Bouquet, 1997, p. 119).

Finalmente, quanto à argumentação sobre o estatuto da realidade extralinguística, para Bouquet, há uma grande distância entre o que Saussure e o que Benveniste consideram “substância” quando falam no arbitrário. Segundo o autor, Saussure pensava na substância psicológica, nunca mencionada por Benveniste em sua crítica, enquanto que esse último se referia a uma base exterior, a que Saussure sempre recusara considerar — o linguista suíço não considerava a relação entre signo linguístico e mundo. Dessa forma, Bouquet considera que Benveniste, longe de ultrapassar Saussure, retrocede a uma discussão da filosofia clássica.

Bouquet finaliza seu texto sondando os motivos pelos quais Benveniste, apesar de conhecer as circunstâncias de produção do CLG, atribui todas as palavras de seu texto a Saussure e trata esse livro como uma obra de Saussure. A resposta que ele mesmo trata de dar — ainda que em forma de outro questionamento — aponta para um pressentimento de Benveniste, que teria adivinhado em Saussure aquilo que os Escritos confirmam:

une autre dimension de la pensée saussurienne, celle d’une philosophie de l’esprit, — une dimension qu’il pressentirait (elle se confirme dans les textes originaux), et par laquelle il serait effrayé, en cela qu’elle serait le reflet de ce qui apparaît chez lui, pour reprendre les termes de Claudine Normand, comme son propre *désir contrarié* ? (Bouquet, 1997, p. 122).

Concordo com Milner que, ao mencionar “Natureza do signo linguístico”, percebe nesse texto um desejo de Benveniste de “ser para Saussure o que Marx havia sido para Hegel: aquele que contradiz e que contradizendo faz avançar” (Milner, 2002, p. 128, tradução livre).

3.2. O signo e o “sentido figurado”

O texto de Bouquet traz à luz algumas características do signo linguístico que podem ser encontradas nos manuscritos de Saussure e dos alunos que assistiram aos cursos do mestre genebrino. Bouquet se restringe à edição Engler 1968-1974. Salientarei aqui outras propriedades do signo, apenas algumas dentre as que se tornam visíveis a partir da leitura dos manuscritos encontrados em 1996 e que fazem parte dos “Escritos de Linguística Geral” publicados no Brasil em 2002.

Até agora, tratou-se do caráter arbitrário do signo linguístico (seja o arbitrário do significante ou do valor, como quer Bouquet). Para Benveniste, a questão do arbitrário era tão cara porque colocava em risco a questão primordial da significação. Se a qualquer significado correspondesse qualquer significante, de forma contingente, a significação estaria dispersa; isso equivaleria a uma negação do semiótico: sem uma base compartilhada — social — de onde partir, sobre o que se construiria o sentido no

semântico? Concordo parcialmente com Bouquet quando ele afirma que Benveniste criticava o arbitrário do significante com argumentos do arbitrário de valor. O que Benveniste fez, me parece, foi uma afirmação daquilo que *Bouquet denomina* arbitrário de valor: significado e significante — uma vez unidos pela língua — só podem andar juntos e o que os determina é a diferença que os une/separa de todos os outros significados e significantes, quer como signos globais, quer como partes desse todo.

É possível encontrar nos *Escritos* afirmações que fortalecem o conceito do arbitrário de valor — quer seja como Bouquet o vê quer seja como Benveniste o formulou sem atribuir esse nome. Tome-se, por exemplo, o capítulo intitulado pelos editores “Sobre a essência dupla da linguagem” (ACERVO BPU 1996. Saussure, 2002, p. 19 a 80.). Já no prefácio, encontramos a seguinte afirmação: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (Saussure, 2002, p. 21). Ora: *forma-sentido*! Não se fala aqui em significante e significado unidos de forma *necessária* e convocados conjuntamente? Na página seguinte, encontramos a afirmação de que a linguística não estuda as *ideias* ou as *formas*, mas “exclusivamente, o ponto de junção dos dois domínios” e, em seguida, “nosso ponto de vista constante será dizer que, não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência” (ambas citações provêm de Saussure, 2001, p. 22.). Tal “fato de consciência”, frequentemente reiterado nos *Escritos*, é resultado da união de *forma* e *sentido*. Essa *forma-sentido*, o *signo linguístico*, existe na consciência dos falantes ou naquilo que Benveniste constituirá como o semiótico: o universo dos signos compartilhado pelos falantes.

“Sentido” aqui é o mesmo que valor, o sentido em *forma-sentido* é determinado pela diferença: “Não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças” (Saussure, 2002, p. 30). Assim, muitas páginas à frente, chegaremos a uma afirmação que é, ao mesmo tempo, muito importante para o conceito de signo linguístico e muito interessante quando pensamos em linguagem poética ou literária:

Não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio) porque seu sentido é eminentemente negativo. (Saussure, 2002, p. 67).

O que Saussure afirma aqui é que aquilo que é chamado de sentido figurado faz parte do sentido de determinado signo como todos os outros sentidos, considerados “próprios”, que por ele são invocados; uma vez que todo signo é eminentemente negativo, o sentido em cada *forma-sentido* é constituído por todos os sentidos que não estão vinculados a outros signos. O sentido global dos signos só se dá pela negatividade: não há um sentido “próprio” e outro “figurado” para cada signo, mas um sentido evocado por tal signo porque ele ocupa um lugar que nenhum outro signo efetivamente ocupa.

No exemplo que Saussure utiliza para ilustrar tal afirmação, a palavra “sol” (Saussure, 2002, p. 67) se mostra insubstituível por qualquer outra, porque nenhuma palavra possível é capaz de convocar, de evocar, todos os sentidos de “sol” que são necessários à produção de significação que se pretende. Daí a negatividade da sinonímia e duas afirmações que ratificam o que exponho aqui: “cada uma dessas palavras só tem valor pela posição negativa que ela ocupa com relação às outras” e “Assim, só há, *nessa palavra*, o que não estava, antes, *fora dela*; e essa palavra pode conter e encerrar, em germe, tudo o que não está fora dela” (ambas as citações: Saussure, 2002, p. 69).

Vimos aqui uma propriedade do arbitrário que ainda não havia sido adequadamente ressaltada: o sentido, que é parte de um signo, de uma *forma-sentido*, uma vez que se constitui por tudo que os outros sentidos não são, é mais do que se espera de seu sentido *próprio*; a ideia mesma de sentido *próprio* é uma falácia: “essa palavra pode conter e encerrar, em germe, tudo o que não está fora dela”, ou seja, um signo pode conter e encerrar tudo que os outros signos não contêm ou encerram.

A questão da referência entra aqui como um fator determinante: a significação de um signo não está de forma alguma ligada ao mundo objetivo. Quando se fala em signos, não se fala em referência ao real, à coisa:

Enfim, não há necessidade de dizer que a diferença dos termos, que faz o sistema de uma língua, não corresponde em parte alguma, mesmo na língua mais perfeita, às relações verdadeiras entre as coisas; e que, por conseguinte, não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente, ou mesmo incompletamente, a objetos definidos, materiais ou não. (Saussure, 2002, p.70).

3.3. Segunda pausa para pensar

Benveniste, Normand e Bouquet afirmam que a ligação arbitrária que une pela primeira vez na língua significado e significante não é uma “novidade” trazida por Saussure, mas o lugar comum do convencionalismo. Segundo Bouquet, a novidade é justamente o arbitrário do valor — aquilo que, com outras palavras e com outros objetivos, Benveniste também defendia: uma vez unidos na língua, significado e significante possuem uma ligação necessária e são determinados por sua relação com todos os significados e significantes que fazem parte desse sistema de valores que é a língua.

Nos *Escritos*, encontramos material para compreender melhor esse arbitrário do signo linguístico que não é apenas o arbitrário do convencionalismo, mas que está radicalmente ligado à noção de valor. Uma vez unidos pela língua, significante e significado, a *forma-sentido*, são necessariamente ligados entre si e tanto forma e sentido quanto o signo global só se determinam negativamente. Nessa determinação, a significação que os constitui não pode ser cerceada. Nada a limita a não ser o que não está “dentro” desse signo, isto é, o que está fora, o que pertence ao universo de outro signo. Tal limitação não se dá em relação à referência, mas em relação ao sistema linguístico que se auto-regula: se um signo desaparece, automaticamente, os outros signos se rearranjam para dar conta dessa significação órfã.

4. SIGNO VS PALAVRA POÉTICA: O CONCEITO DE SIGNO LINGUÍSTICO E A QUESTÃO DA REFERÊNCIA EM BAUDELAIRE

Parti de uma crítica de Benveniste ao arbitrário do signo tal como esse conceito é formulado no texto do Curso de Linguística Geral para refletir sobre o arbitrário e, conseqüentemente, sobre o signo linguístico que se constrói no pensamento benvenisteano a partir de suas reflexões sobre o signo linguístico de Saussure. Durante o percurso, abordei desde o conceito de arbitrário apresentado no CLG e da crítica de Benveniste até comentários produzidos por grandes leitores desses dois mestres. A

seguir, enfatizei algumas características do signo linguístico que podem ser estudadas a partir dos *Escritos*, nomeadamente: a negação de “sentido figurado” e a negatividade da sinonímia. Desde o início do texto, deixei claro que esse trajeto de reflexão nos traria aos manuscritos, recentemente publicados, das notas de Benveniste para um artigo, eternamente inédito, sobre a poética de Baudelaire.

A partir desse momento, buscarei apresentar alguns traços da concepção de signo linguístico adjacente às notas de *Baudelaire*. Em prol da objetividade e por questões de espaço, me restringirei ao pacote 22 das notas manuscritas¹⁴. Esse pacote contém textos de maior fôlego e desenvolvimento, que facilitam ao leitor compreender a reflexão que se desenvolvia naquele momento.

Ressaltarei, principalmente, dois aspectos importantes: a relação signo/palavra poética e o papel da referência na concepção de *signo* que Benveniste frequentemente opõe à *palavra poética* (*mot poétique* em uma tradução livre, uma vez que essa obra ainda não se encontra publicada em português). Ao longo desse percurso, procurarei problematizar essa oposição à luz tanto de excertos de textos do próprio Benveniste — selecionados em diversos textos dos PLG publicados antes e após a produção das notas de *Baudelaire*¹⁵ — quanto dos *Escritos* de Saussure.

4.1. *Signo linguístico*

O conceito de signo linguístico que se delineia em *Baudelaire* não é exatamente o mesmo que se verá em outros textos de Benveniste. A referência aqui aparece de forma marcante e decisiva para que o autor oponha o *signo*, que considera pertencente ao universo da linguagem ordinária, à *palavra*, dita pertencente ao universo da linguagem poética. Essa divisão, radical em alguns momentos, oscila no decorrer das notas. Podem-se encontrar momentos em que palavras (*mots*) e signos (*signes*) estão tão próximos que parecem constituir a mesma entidade, como em: “Comment obtient-il cette “dénotation d’émotion”? / Par agencements particuliers de mots, qui restent des / signes, mais valorisés à neuf par des alliances nouvelles” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 2 / fº 254)). Nesse trecho, me parece, mais importante do que “agenciamento” e a ideia de sintagmatização presente em “alliances nouvelles”¹⁶ é o que é agenciado: “palavras, que permanecem signos”. O que pode significar essa relação? Que a palavra poética permanece signo porque não tem referência? Provavelmente não, uma vez que, assim considerada, ela não deixaria de fazer parte do semiótico, nunca sendo alçada ao semântico.¹⁷ A não ser que se trate de outro semântico: “(...) la langue / poétique eût sa sémantique propre” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 15 / fº 267)).

¹⁴ Trata-se, ao todo, de 23 pacotes que contêm número variado de notas.

¹⁵ Nesse artigo, não focalizarei o posicionamento cronológico de *Baudelaire* no pensamento benvenisteano, mas o contraste entre a concepção de signo nessa obra em relação aos textos publicados no PLG. Para uma visão que aborda a evolução histórica do pensamento de Benveniste tendo *Baudelaire* como um marco temporal, aguardar novo ensaio que privilegiará esse enfoque.

¹⁶ Os conceitos de agenciamento e de sintagmatização mostram-se de extrema relevância nas notas de *Baudelaire*. Infelizmente, por questões de espaço e para não fugir à temática desse artigo, não tratarei deles nesse momento.

¹⁷ Explico: em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste descreve os dois domínios do sentido e da forma: o semiótico e o semântico. No primeiro, a unidade é o signo; no último, a palavra. Em “Semiologia da língua”, ao delimitar semiótico e semântico, logo após atribuir-lhes suas unidades,

Essa ilusão — a de que *signo* e *palavra* possam constituir uma unidade única — é totalmente desfeita ao longo das notas do pacote. Em *Baudelaire*, uma questão crucial é a relação com o *real*. Para Benveniste, a poesia não conhece limites em seu “comportamento” a respeito do mundo real. O poeta, que maneja o universo e se dirige a todos e a ninguém, se permite qualquer poder:

Appeler une femme « reine des adorées » est / l'exemple de ce que le poète peut se permettre, dès<lors qu'il n'a à répondre à aucune des conditions de vérité ; des> / lors qui ni « reine » ni « adorer » **ne sont pris dans /le sens de l'usage ordinaire** . (BENVENISTE, 2011, (22, fº 3 e 4 /fº 255 e 256) (grifo meu)).

Parece-me impossível não retornar aos *Escritos* de Saussure e à negação da linguagem figurada quando leio “não são tomados no sentido da linguagem ordinária”. Para nós, que temos o privilégio de ler ambos os textos, ainda que em uma cronologia quase surreal — o de Saussure foi escrito mais de 50 anos antes das notas de Benveniste—, e ainda correndo o risco de sermos criticados por anacrônicos, é muito difícil não contrastar o posicionamento diferente, até oposto, de ambos em relação a um tema muito semelhante: que sentidos são atribuídos ao signo? Benveniste falava em linguagem poética e, ao fazê-lo, afirmava que as palavras nesse discurso não possuem o mesmo sentido que na linguagem “ordinária”, ainda que permanecessem *signo*. Saussure, ao falar de signos e ao negar a sinonímia, trazia um exemplo da literatura (SAUSSURE, 2002, p. 68) e afirmava que o que se chama de sentido figurado, na verdade, não existe, uma vez que um signo é tudo aquilo que os outros signos não são, portanto comporta em si toda a possibilidade de sentido que *não está fora de si*.

Benveniste vai longe em sua separação entre linguagem poética e linguagem ordinária ou cotidiana: “Le poète refuse même / aux mots <la> valeur sémantique qui / les accrédite dans le langage quotidien” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 14 /fº 266)). É irresistível a tentação de nos perguntarmos como seria a reflexão benvenistiana a respeito do que Saussure disse sobre sentido figurado. Se, por um lado, Benveniste, ao separar de maneira tão radical linguagem poética e linguagem ordinária — “Quand on dit (...) que le poète / emploie les mots du langage ordinaire, on succombe / à une fallacie. Ce ne sont pas les mêmes mots.” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 22 /fº 274)) — fecha as portas para que se apliquem aqui quaisquer conceitos desenvolvidos no estudo dessa linguagem, por outro, ele próprio continua a aplicá-los, ora negando-os ora simplesmente valendo-se deles.

De qualquer forma, me parece que há algo não resolvido aqui: se o poeta “nega às palavras o valor que lhes credita a linguagem cotidiana”, o que o faz escolher, agenciar, certos signos em detrimento de outros? Para Benveniste, a resposta está em: “les mots sont là comme un / objet un soi (...) ; ont les contemple / pour eux-mêmes” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 52 /fº 304)). Para ele, em poesia, a matéria linguística (forma) e a significação (sentido) das palavras se identificam: “Il faut que le son suggère / ou imite le sens, mais le sens pris comme / suggestion émotive non comme signifie lexical.” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 4 /fº 256)):

C'est bien le plus grande erreur en cette matière / que de parler du « sens » d'un poème. Le / « sens » n'est pas la même valeur en poésie / que dans le

Benveniste coloca em pauta a referência: “o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes” (BENVENISTE,2006, p.65).

langage ordinaire. Il faut poser ceci au départ même de toute étude sur le langage poétique : 1) la dichotomie forme : sens / a ici encore moins de sens que partout ailleurs. / 2) le « sens » en poésie est intérieur a la « forme ». (BENVENISTE, 2011, (22, fº 4 /fº 256)).

Na linguagem poética, portanto, forma e sentido são o mesmo, a sonoridade do significante evoca, insinua significados que não são necessariamente aqueles do universo semiótico da linguagem ordinária. Será? Se fosse a sonoridade apenas que invocasse o sentido, como ficaria a sintagmatização? Que sentido se construiria a partir de palavras que não tivessem um significado, uma base semiótica em que se apoiar? Há uma contradição aparente: ora “palavras, que permanecem signos” ora palavras que são um objeto em si.

Ao mesmo tempo em que não abandona conceitos como semiótico e semântico, Benveniste traça uma ruptura profunda entre linguagem poética e linguagem ordinária: “Nous éliminons de la poésie le concept de signe / que nous jugeons entièrement inadéquat, puisque nous / avons rejeté la notion de référent et de dénotation. ” (BENVENISTE, 2011, (22, fº 25 /fº 277)) e mais adiante, na mesma nota: “*Le mot, de signe, / devient symbole.*”¹⁸

4.2. A questão da referência

Na primeira nota do pacote 22, Benveniste afirma que, enquanto na língua ordinária, a denotação é a referência à “realidade do mundo”, a língua poética apenas imita a denotação, mas remete a uma “realidade” inteiramente fictícia, em outras palavras, que a linguagem poética não tem denotação¹⁹. Na nota seguinte, o linguista afirma que a realidade é dada como o estado emocional do poeta que suscita o discurso poético. Referência e denotação são conceitos próximos em *Baudelaire*, ambos relacionam-se ao *exterior*, que é negado no discurso poético:

En poésie l’objet dont parle le poète n’est / pas comme dans le langage ordinaire, extérieur au langage, et référé par le langage : il est *intérieur* au langage et *crée* par le langage, par le choix et l’alliance des mots.

N’ayant pas de référence, le langage poétique n’est jamais répétable, il ne / peut ~~passer~~ *passer* identique dans plusieurs <poèmes> / ni être assumé par plusieurs auteurs, il est tout entier dans *ce* poème, dans *ce* vers, /instance chaque fois unique. (BENVENISTE, 2011, (22, fº 8 e 9 /fº 260 e 261)).

Ao leitor de Benveniste, não é difícil relacionar tais afirmações a outras que lhe são conhecidas. Seja de um texto de 1965: “As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real” (BENVENISTE, 2006, p.70) ou de 1966: “Se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (BENVENISTE, 2006, p. 231). “Que nós não podemos jamais

¹⁸ Uma frágil tentativa de inserção de uma nova terminologia parece ter sido uma resposta possível às contradições impostas pelo uso de signo e símbolo. A ideia de *icone* no lugar de símbolo ou de signo poderia ter sido uma maneira de procurar resolver essa questão. Infelizmente, não teremos oportunidade de abordar essa problemática aqui.

¹⁹ “denotação” aqui remete à designação da lógica (ver BENVENISTE, 2006, p. 223).

prever ou fixar”: estamos aqui tão distantes do “irrepetível” da linguagem poética? O *externo*, o *real*, a *coisa*, a *realidade objetiva*: nada disso é inédito nas reflexões benvenisteanas. Qual o lugar que aquilo que está *fora* da língua tem ocupado na reflexão benvenisteanas nos textos dos PLG? Teríamos aí, certamente, tema para um longo e interessante estudo. Contentemo-nos aqui em voltar ao texto “Natureza do signo linguístico”, o que nos dizia Benveniste sobre a *coisa* nesse texto? Que ela não faz parte do signo. Que o signo é arbitrário em relação a ela, ao mundo. Onde entra o *exterior*, então? No semântico, universo cuja unidade é a palavra. É através da referência que o mundo objetivo entra no discurso? Não exatamente. Em “O aparelho formal da enunciação”, último texto publicado de Benveniste em vida, veremos que o mundo objetivo, como tal, não entra no discurso. O discurso é subjetividade, pois tudo que se instaura na e pela língua no universo do discurso o faz através do sujeito que [se] enuncia e que é centro referencial de toda enunciação. Não apenas tempo e espaço são categorias cuja referência só faz sentido a partir do *eu*, mas tudo que *eu* enuncia. O discurso, portanto o semântico, é subjetivo. Assim, ainda que uma discussão cronológica não seja o objetivo desse artigo, cabe-nos ao menos assinalar a possibilidade de não tomarmos tudo o que se afirma em *Baudelaire* como relativo à linguagem poética *strictu sensu*. Quando lemos que

Le discours de la langue ordinaire trouve son / sens hors de lui-même parce qu’il met en / relation deux partenaires et parce qu’il renvoie / au « monde extérieur ».

Le discours poétique trouve son sens en lui-même/ parce que le « sens » renvoie a la forme poétique. (BENVENISTE, 2011, (22, f° 6 /f° 258)).

temos que considerar a hipótese de que aquilo que se diz aqui sobre linguagem poética pode ter servido a Benveniste como uma etapa na reflexão que culminará no que se vê em seus textos posteriores a 1967. Somos forçados a nos questionarmos sobre a possibilidade de que a sui-referencialidade que se vê nas reflexões benvenisteanas dos textos do PLG II esteja em relação direta com “Le discours poétique trouve son sens en lui-même/ parce que le « sens » renvoie a la forme poétique.”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quase no centenário da morte de Saussure, o signo linguístico ainda constitui um conceito sobre o qual é possível gerar polêmica. Mais de 40 anos após a publicação do número de *Langage* em que deveria ser veiculado o artigo sobre a poética de Baudelaire em que Benveniste trabalhava, o pensamento do linguista da enunciação ainda é capaz de trazer uma nova luz a reflexões a respeito de temas sobre os quais tanto já foi dito como língua, linguagem e linguagem poética.

Mesmo assim, em Benveniste, tudo está sempre começando. A linguística da enunciação é um campo que não termina nunca de se constituir, seja em interface com áreas como a psicanálise, a saúde ou o trabalho²⁰ ou retornando a um campo que sempre foi caro à linguística como a literatura, é sempre possível retornar aos textos benvenisteanos e procurar maneiras diferentes de elucidar velhas questões ou de procurar esclarecer questões que estão sempre surgindo entre os leitores de sua obra.

²⁰ Ver Flores e Teixeira (2005).

A edição de *Baudelaire* colabora tanto para trazer à luz do dia textos inéditos de Benveniste quanto para que retornemos aos seus textos já publicados com um novo olhar, com novos questionamentos e novas possibilidades de resposta.

Uma nova problemática, que procurei abordar ainda de maneira incipiente nesse ensaio, é a questão proposta a partir de *Baudelaire* da relação da palavra poética com o conceito de signo. Nas notas de *Baudelaire*, principalmente nas notas contidas no pacote 22, Benveniste traça uma separação total entre *signo* e *palavra poética*. Entretanto, frequentemente os critérios apontados para tal rompimento não suportam a crítica que pode ser construída com textos do próprio Benveniste, o que aponta para a fragilidade de tal posicionamento ou, antes, para a efemeridade do que se vê nas notas. Tal fugacidade aponta para o caráter de processo que as notas certamente têm: ainda que algumas apresentem um caráter mais acabado, não estamos nunca frente a um texto pronto para divulgação pública. O que teria impedido Benveniste de concluir seu artigo e de publicá-lo na *Langage* em 1968? Provavelmente nunca saberemos, mas podemos especular: talvez a reflexão iniciada nunca tenha sido finalizada? Talvez as ideias que começam a se delinear nas notas só tenham sido totalmente desenvolvidas mais tarde? Nunca saberemos em que medida essas ideias elaboradas a partir da reflexão sobre linguagem poética influenciarem o que se vê sobre enunciação em “Semiologia da língua” ou em “Aparelho formal da enunciação”, por exemplo.

Outro ponto sobre o qual apenas podemos especular é a relação entre o que Saussure postula nos *Escritos* sobre a não existência de um sentido figurado e o rompimento entre signo e palavra poética pregado por Benveniste. Se, por um lado, podemos nos valer do fato de Benveniste ser um discípulo continuador/ultrapassador das ideias saussureanas para pleitear a validade de relacionarmos o pensamento de um e de outro, por outro lado, nos vemos em uma posição, no mínimo, delicada ao contrastar manuscritos publicados quando ambos já não estavam mais vivos.

Esse artigo não teve ambição além de apresentar questões importantes que podem e devem ser colocadas a partir do acesso recente a textos que expressam o pensamento benvenisteano, “amplas perspectivas se abrem”...

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Natureza do signo linguístico in *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005. p. 53-59.
- _____. Estrutura das relações de pessoa no verbo in *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005. p. 247-259.
- _____. Esta linguagem que faz a história in *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 29-40.
- _____. Semiologia da língua in *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 43-67.
- _____. O aparelho formal da enunciação in *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-90.
- _____. A forma e o sentido na linguagem in *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 220-242.
- _____. *Baudelaire*. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
- _____. *Dernières Leçons*. Paris: Seuil/ Gallimard, 2012.

- BOUQUET, Simon. Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique in *Benveniste vingt ans après*. Linx, 1997.
- FLORES, Valdir. TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir. BARBISAN, Leci. FINATTO, Maria J. B. TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GADET, Françoise. Le signe in *Saussure: une science de la langue*. 3^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996. p. 3-48.
- LAPLANTINE, Chloé. “La poétique d'Émile Benveniste” In: *Émile Benveniste: Pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétrás, 2009.
- MILNER, Jean-Claude. Benveniste I in *Le périple structural*. Verdier/poche, 2008.
- NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste in *Convite à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2009. p.197-203.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

Recebido em 19/04/2012

Aceito em 20/06/2012

Versão revisada recebida em 21/06/2012

Publicado em 30/06/2012

SAUSSURE AND BENVENISTE: LINGUISTIC SIGN, REFERENCE AND POETIC LANGUAGE

SAUSSURE ET BENVENISTE: SIGNE LINGUISTIQUE, RÉFÉRENCE ET LANGAGE POÉTIQUE

ABSTRACT: *The concept of linguistic sign since 1939's critic on the way it had been proposed by Saussure in Course in General Linguistics (CGL) is a major issue in Émile Benveniste's work and has been approached by important scholars on Saussure and Benveniste such as Claudine Normand and Simon Bouquet. Recently published manuscripts in which Enunciation Theory creator analyzes Baudelaire's poetics bring new life to a debate that has been going on for more than seven decades. This paper aims at going through Benveniste's thinking and exposes the evolution of the concept of linguistic sign within his oeuvre relating it to Saussure's thinking through CGL and within Writings on General Linguistics.*

KEYWORDS: *linguistic sign; enunciation; poetic language; reference.*

RÉSUMÉ : *Le concept de signe linguistique, depuis la critique de 1939 de la façon comme il a été postulé par Saussure du Cours de linguistique générale (CLG), a constitué un point haut dans la pensée d'Émile Benveniste et il a déjà été abordé par de grands lecteurs de Saussure et du linguiste français, à l'instar de Claudine Normand et Simon Bouquet. Les manuscrits récemment publiés dans lequel le créateur de la Théorie de l'Énonciation analyse la poétique de Baudelaire apporte une nouvelle vie à cette discussion qui dure déjà plus de sept décennies. Cet article cherche à parcourir la pensée benvenistienne et à montrer l'évolution du concept de signe linguistique dans son œuvre en la rapportant à la pensée saussurienne dans le CLG et dans les Écrits de linguistique générale.*

MOTS-CLÉS : *signe linguistique ; énonciation ; langage poétique ; référence.*